

Requião pode levar PMDB à corrida presidencial

24 AGO 1997

JORNAL DE BRASÍLIA

Alan Marques 13/8/97

Embalado pela notoriedade conquistada na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Títulos Públicos, o senador Roberto Requião (PMDB-PR) está empurrando seu partido para a corrida presidencial. Num trabalho intenso de articulação, ele quer marcar para 21 de setembro a convenção nacional do PMDB, para decidir se o partido terá ou não candidato à sucessão de Fernando Henrique Cardoso. "Vamos decidir logo, dando tempo aos derrotados de mudar de legenda", propõe o senador. O prazo final para a filiação partidária de quem deseja disputar as eleições é 3 de outubro.

A proposta incendiou o partido e, sexta-feira, ganhou a adesão de dez presidentes de diretórios regionais. Requião garante ter o apoio do ex-presidente José Sarney e do presidente do partido, deputado Paes de Andrade (CE). Este, no entanto, mostra uma cautela surpreendente: "Tenho uma responsabilidade partidária e não posso tomar uma decisão precipitada, para ser acusado depois de ter dividido o PMDB". Paes está consultando os diretórios regionais e tem encontro marcado com Sarney terça-feira, mas dificilmente resistirá a tentativa de criar um novo fato político.

Aliados - Outra surpresa aparente: os maiores aliados do governo no PMDB apóiam a iniciativa. "Acho ótimo decidirmos logo o assunto", diz o presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer (SP). "Temos o dever ético de nos definir e dar uma resposta ao Presidente, que está aguardando por isso". O líder do partido na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), concorda: "Sou a favor de anteciparmos a convenção, porque o PMDB não pode ficar vivendo dramas hamletianos, como ser ou não ser governo, ter ou não ter candidato".

Terceira surpresa: o maior adversário do governo no PMDB, o ex-governador Orestes Quércia, é quem mais resiste à idéia da convenção antecipada. Quércia quer levar o partido para a oposição, com uma candidatura própria, mas não quer dar a seus adversários dentro do partido a oportunidade de sair, entre a convenção e o prazo final de filiações. É um problema basicamente paulista, entre o ex-governador, dono da convenção regional, e deputados que romperam com ele, como José Pinotti e Alberto Goldman.

Estados - Como se trata do PMDB, além dos contra e dos a favor há a turma do muito antes pelo contrário, que atende no gabinete do líder do partido no Senado, Jader Barbalho (PA). O líder é um eterno queixoso do governo, embora seja o peemedebista que mais fale com o presidente da República. Acha que o partido precisa mesmo se definir, e logo, mas considera uma irresponsabilidade que os delegados o façam numa convenção. "O correto é discutir o assunto primeiro com os governadores e os companheiros que têm liderança nos estados", diz Jader.

O que está em jogo não é apenas a sucessão presidencial, mas também os projetos regionais do PMDB. "Somos o único partido com candidatos viáveis em 25 das 27 unidades da Federação", diz Jader Barbalho, reconhecendo a derrota apenas no Rio e na Bahia. O comportamento do presidente em relação a esses candidatos, na maior parte adversários locais do PSDB e do PFL, é a expectativa que vai explodir na convenção. "Neutralidade é só o começo da conversa", avisa o líder. "Temos de ter do governo definições bem claras sobre a campanha e sobre nossa participação futura".



Requião quer que o PMDB defina logo se terá candidato próprio